

AS VIAGENS VERDES DE CLAUDIO RODRÍGUEZ FER: UM RECORRIDO PELA FRANÇA CELTA

Leilson Assad de Souza Filho (UFAM)¹
Saturnino Valladares (UFAM)²

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar uma aproximação a “Viagens Verdes”, segunda parte da obra *Uma temporada no paraíso* do poeta galego Claudio Rodríguez Fer. Em concreto, serão analisados apenas os três poemas que compõem a passagem pelas regiões da Bretanha, Pontivy e Normandia. Esta análise, além de ratificar temas frequentes na poesia do poeta, tais como a temática erótica, o compromisso social e a utopia libertária, também mostrará o vital interesse pelos míticos e mágicos lugares celtas. Olga Novo, Natalia Regueiro e Carmen Blanco serão alguns teóricos utilizados para composição do embasamento teórico. Além dos citados anteriormente, também nos serviremos das teorias do próprio poeta Claudio Rodríguez Fer. Os poemas a seguir mostrarão uma rica inserção no notável universo do erotismo.

PALAVRAS-CHAVE: Claudio Rodríguez Fer; Viagens Verdes; Literatura erótica

ABSTRACT: The objective of this article is to present an approximation to “Green Travels”, the second part of the work “A season in Paradise” from the Galician poet Claudio Rodriguez Fer. However, only three poems that compose passages through regions of Britain, Pontivy and Normandy will be analyzed. This analysis, besides ratifying frequent topics in the poet’s poetry, such as erotic themes, or social commitment and libertarian Utopia. It will also show the vital interest towards mythical and magical Celtic places. Olga novo, Natalia Regueiro and Carmen Blanco will be some of the theorists used in the theoretical foundation. Besides the aforementioned, we will make use of the theories from Claudio Rodriguez Fer himself. The following poems will show a rich insertion of the notable universe of erotism.

KEYWORDS: Claudio Rodríguez Fer; Green travels; Erotic literature.

CLAUDIO RODRÍGUEZ FER

O poeta, dramaturgo, narrador e ensaísta galego Claudio Rodríguez Fer nasceu em 1956 na cidade de Lugo – Espanha. Conhecido por mais de uma trintena de obras publicadas, foi o pioneiro no tratamento do erotismo na literatura galega. Ele tem dedicado várias obras ao erotismo, desde *Vulva* – que reúne seus cinco primeiros poemários –, *A unha muller desconhecida*, *Viaxes a ti*, *A muller sinfonia*, *ADN do infinito* e o nosso objeto de estudo, *Unha*

¹ Mestre em Letras – Estudos Literários (UFAM).

² Doutor em Literatura Espanhola (Universidad de Santiago de Compostela - Espanha). Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Vice-líder do grupo de pesquisa Estudos de Haikai: Lirismo, Haicaístas e Campo Literário (UFAM). Membro do grupo de pesquisa Estudos Japoneses (UFAM).

tempada no paraíso. Cabe ressaltar que esta última conta com tradução a língua portuguesa desde de 2019, tendo sido realizada por Saturnino Valladares e publicada pela editora Valer. Esta será a versão que utilizaremos neste artigo. Além do português, a poesia de Rodríguez Fer está traduzida a vários idiomas, como espanhol, catalão, francês, italiano, romanês, inglês, alemão, bretão, grego, russo, árabe etc.

É importante destacarmos que toda a trajetória do autor tem estado intimamente atrelada ao seu compromisso integrador pela liberdade, à justiça e à paz no mundo - associados à sua vital paixão pelo erótico. O poeta tem sido reconhecido pelo seu labor, obtendo prêmios em Galícia – Premio Galiza Mártir à recuperação da memória histórica, em 2014, pela Fundação Alexandre Bóveda, Potevendra – como além de suas fronteiras – Presidência de Honra na Associação Memória do Exílio dos Republicanos Espanhóis, em 2012, em Brest – Bretanha -, e a Medalha Mihai Eminescu, em 2023, concedida pela Academia internacional homônima, na Romênia.

Claudio Rodríguez Fer exerce, atualmente, o cargo de diretor da Cátedra José Ángel Valente de Poesia e Estética e da revista universitária *Moenia*, ambas da Universidade de Santiago de Compostela, em Espanha, e administra os cadernos interculturais *Unión libre*.

UMA TEMPORADA NO PARAÍSO

A obra *Uma temporada no paraíso* (2019) é uma antagônica versão a *Uma temporada no inferno* de Arthur Rimbaud. Se na obra do artista francês é mostrada toda a sua visão negativa a respeito da vida, Rodríguez Fer nos oferece um convite a descobrirmos um utópico paraíso terrestre. A lírica do poeta ratifica seus ideais libertários, sua ética e seu compromisso social com a paz no mundo e, através dela, descobre-nos que “a vida é mais formosa no paraíso” (VALLADARES, 2014, p. 3).

A poesia feriana estabelece conexões com outras vanguardas, especialmente, com o surrealismo. O autor propõe o autoconhecimento e o aprendizado de outros mundos para reivindicar a liberdade plena e a reinvenção do amor assentada em um nomadismo ancestral. Desde a sua terra natal, Galícia, nos invita a que conheçamos os lugares onde os prazeres múltiplos se realizam e “o encontro amoroso desconhecerá seu fim” (VALLADARES, 2014, p. 9).

É importante ratificarmos que na obra do autor é defendida a utopia libertária, principalmente, em relação a posição da figura feminina na sociedade. Natalia Regueiro (1998) confirma dizendo:

a base familiar e o rol tradicional do sexo/gênero em perfeita conexão com os postulados feministas e oferece uma visão da mulher absolutamente livre e independente, que subverte os padrões genéricos e que faz do amor uma revolução, e da vida uma utopia (REGUEIRO, 1998, p. 54).

VIAGENS VERDES

“Viagens Verdes” é o título da segunda parte de *Uma Temporada no Paraíso*. Neste capítulo, o poeta percorrerá os lugares que compõem a liga celta: Cornualha, Ilha de man, Bretanha, Pontivy, Normandia, Stonehenge e pelas universidades milenárias de Oxford e Cambridge. Entretanto, é importante frisar que, neste artigo, abordaremos apenas sobre as viagens relacionadas à parte francesa: Bretanha, Pontivy e Normandia.

Portanto, além do erotismo, o celtismo é outro elemento fundamental na construção desta parte. O interesse pelos míticos e mágicos lugares celtas está presente desde a juventude do poeta, pois, para ele, “a relativa descoberta do passado implica também a do presente e a do futuro” (RODRÍGUEZ FER, 2010, p. 12).

Os celtas foram um povo indo-europeu existente desde o ano VI a.C: embora seja uma data especulada, sabe-se que foi uma cultura muito habilidosa com o ferro e os metais. Para Rodríguez Fer, o celtismo inspira “um multiculturalismo liberador, criativo, operativo e projetivo” (RODRÍGUEZ FER, 2010, p.14).

Um dos personagens que mais interessou ao escritor foi o da Fada Morgana. Naturalmente, por ser uma protagonista feminina, Rodríguez Fer sempre associou a enérgica vitalidade da figura feminil a cosmogônicos elementos pertencentes ao mito.

O interesse pelos celtas exalta duas grandes características do autor galego: o processo de autoafirmação de um povo que se redescobre no centro dos mundo e o modo de autoconhecimento a respeito das heranças culturais adquiridas, tais como “o sentimento da terra e a profunda identificação com a paisagem” (LOPO, 2002, p.3). A reflexão que provoca a paisagem estará bem presente nesta parte. Portanto, através dos poemas “A balada dos cavalos do mar”, “A derradeira noite de Napoleonville” e “Desembarcaram depois da grande vitória” veremos uma pequena abertura ao transcendental universo de Claudio Rodríguez Fer.

A BALADA DOS CAVALOS DO MAR

Vieram até o fim dos mundos.
Chegaram ao princípio do amor.

Marcharam cavalgando nas águas
dos oceanos de paixões pânicas.

Amavam-se em espirais desatadas
nos céus do fundo do mar.

Subiam descendo escadas
para os limos mais abissais das constelações.

Brilhavam azuis baixo as lousas
das plêiades e das nereidas.

Brotavam dos seus lumes fundidos
cavalos galopando sobre as dunas.

Atravessavam as portas do infinito
em ondas proteicas do tempo sideral.

Olhavam os portos do mundo
desde as verdes praias do leito.

Escutavam mugir a maré
como um furacão por cada veia.

Tocavam as espigas das crinas
com a safira das pupilas estelares.

Viajavam sedentários nos terraços.
como a espuma que retorna de ultramar.

Recendiam ao cosmo do salitre
e sabiam aos astros das macieiras.

Arranhavam as costas das nuvens
e mamavam nos peitos dos universos.

Curavam feridas, chagas, cicatrizes,
os desvios mais ósseos da galáxia.

Sabiam que as tempestades são precisas
como agulhas de máquinas para navegar.

Nafragavam qual veleiros no horizonte
pendurado do bico das gaivotas.

Aninhavam nas rochas mais batidas
ou no penacho falésia de um corvo-marinho-de-crista.

Negavam o tempo para afirmar o espaço
que partilharam sempre galopando.

Eram felizes como bestas ou líquens
travados com apertas de madeira viva.

Beijavam-se nos lavadeiros das muralhas
e nas cores amarelas da louça floreal.

Abraçavam-se esculpido com as perdas
pelos caminhos das olheiras telúricas.

Cantavam em línguas primigênicas
Como as algas ao vento na nuca.

Dançavam sobre barcos afundados
a dança das éguas e das poldras.

Choviam com força de crustáceos
e orvalhavam como pétalas de arminho.

E galopavam sem limites no espaço
pelos mares unidos de uma pinga.

Eles eram o sedimento da vida
que animava proteico os cavalos do mar.

O poema “A balada dos cavalos do mar” foi inspirado a partir de uma série de viagens ao litoral da Bretanha. Segundo Claudio Rodríguez Fer, “Bretanha resultou ser uma verdadeira terra de adoção vital e literária” (RODRÍGUEZ FER, 2010, p.21). Visitada algumas vezes pelo poeta, a localidade foi o lugar céltico no qual Rodríguez Fer mais esteve, tendo servido de inspiração para outras composições que fazem parte de *A uma mulher desconhecida*, *Viagens a ti*, *A puta filosófica* e outros.

Bretanha é conhecida por fazer parte da liga das seis nações celtas. Além de abrigar uma exótica paisagem, repleto de falésias e uma exuberante costa litorânea, carrega uma rica cultura e trágicas histórias, tais como a do porto de Le Croisic.

A cosmogônica balada romântica entre os cavalos marinhos foi formada no mar de Larmor. Para o poeta:

Nas plêiades, escutando o constante rumor das ondas, das chuvas e dos ventos e contemplando o proteico vaivém do mar, que a miúdo parecia levantar-se por um máximo efeito da Fada Morgana e transfigurar-se em seres ao mesmo tempo alongados e próximos galopando cara ao infinito (RODRÍGUEZ FER, 2010, p. 39).

O poema “A balada dos cavalos do mar” retrata a cósmica união entre dois cavalos marinhos que celebram o amor através de uma épica viagem. A junção dos dois dá início a um processo de acasalamento, encanto e cura que percorre todos os labirintos do erotismo e ratifica que no fim dos mundos será onde encontraremos o princípio do nosso amor. Este encontro erótico, que ultrapassa os limites do ultramar, reacende as chamas de cantos populares

adormecidos, de celebrações referentes à cultura celta e faz-nos recordar de lendárias histórias, tais como as de Mago Merlin e as de Asterix.

A personificação dos animais marinhos é um processo de metamorfose em que os amantes abandonam os seus corpos naturais e “indicam a transferência do amor à unidade do universo” (SOUZA FILHO, 2022, p.56). Além disso, Rodríguez Fer legitima a sua consciência ecológica. Esta relação entre os homens e os animais também está presente em outras obras do autor, tal como *Tigres de Ternura*.

O poema se desenvolve através de vinte e seis dísticos e pode, perfeitamente, dividir-se em três partes: o motivo do encontro – “Chegaram ao princípio do amor” -, o processo de mudança – “subiam descendo escadas” - e a cerimônia mágica dos amantes – “e galopavam sem limites no espaço”. É importante frisar que toda esta solene maratona festeja as múltiplas aberturas em efeito do amor.

A DERRADEIRA NOITE DE NAPOLEONVILLE

A desintegração de Napoleonville

A portadora do som.
A pastora da palavra.
O condutor da voz.
O viajero da língua.

Os fantasmas da noite.
Os líquidos sonoros.
As aranhas do céu.
Os olhos cruzados.

A voz procriadora
do mundo restaurado.
A voz encarnada
da luz de cada dia.
O último refúgio
das almas perdidas.
A palavra matriz
da última noite e Napoleonville.

O idioma sem fronteiras
da república dos abraços
escavada nas rochas.

A explosão sem fim.

A última noite de Napoleonville.

“A derradeira noite de Napoleonville” se refere a comuna francesa de Pontivy – Bretanha. Este local é conhecido por ter abrigado, no século XIX, o governo de Napoleão Bonaparte. A cidade é privilegiada, geograficamente, em relação à navegação. Portanto,

favoreceu importantes táticas, tal como o bloqueio marítimo imposto aos ingleses. Atualmente, a cidade reserva por trás de suas ruínas e castelos as fatídicas lembranças do período Napoleônico.

Claudio Rodríguez Fer menciona que a principal motivação para esta composição se deu a partir de uma visita ao fantasmagórico castelo de Rohan. Segundo o próprio, lugares como este “concebem histórias que nunca se escreverão, mas também para escrever amores sem o tempo que passa sem passar” (RODRÍGUEZ FER, 2010, p.30).

O poema se divide em sete estrofes: três monósticos, um terceto, dois quartetos e uma oitava. Os versos são livres e cadenciados em separações entre quatro e sete sílabas. No primeiro verso, é perceptível a característica referente à luta contra o fascismo e o imperialismo – “A desintegração de Napoleonville”. É importante destacar que a luta manifestada é um constante desejo de “amor sempre sem morte” (NOVO, 2008, p. 15).

O poema marca a trajetória de um viajante que anuncia a ruptura com o passado e a construção de uma ordem privilegiada pela “aceitação das múltiplas diferenças” (NOVO, 1998, p.48).

As metáforas apresentadas combinam a subversão através da erotização da palavra e recuperam a história sucumbida pelo tempo: “os fantasmas da noite” e “as aranhas do céu”. Os versos se adequam harmonicamente e confabulam proclamando um novo momento; o poeta se converte em um portador do “som”, da “palavra”, da “voz” e da “língua”. São perceptíveis os vocabulários com valor erótico, tal como em “aranhas”, “líquidos” e “explosão”.

Todo o manifesto vital com abertura cognoscitiva ultrapassa os limites da vontade humana e demarca os ideais em favor da paz, da justiça e da liberdade. E constitui um pleno desejo em um coletivo sem barreiras – “o idioma sem fronteiras”.

DESEMBARCARAM DEPOIS DA GRANDE BATALHA

Desembarcaram depois da grande batalha

compuseram arcos de giz
com as valvas calcárias das ostras
pontes e aços e berros
sobre pele da maçã previamente
acariciada.

Foi-lhes revelado que a vida era um moinho
e souberam que a sua roda gira
flores e cosendo cavalos.

Mas desembarcaram depois da grande batalha

que acabara com a mocidade do mundo
afogada em sal.

E debaixo dos arcos encarnados
elevaram titânicos tirantes
para abraçar o estuário,
passearam pelas vilas de cor água-marinha,
partilharam paraísos celestes
com as vacas tapizadas pelo mofo branco,
recuperaram a todos o tempo perdido
ocultos nas hortênsias mais violetas,
voltaram encontrar o epicentro além
da cidade do mar verde,
foram torres, portas, agulhas,
limo lácteo para o amor azul
como um congro genital
e duas raias petrificadas na praia.

Vieram para devolver o nome
as paragens secretas
mas não encontraram palavras
para as praias sem nome,
imensas como cemitérios,
minúsculas como a paz.

Desembarcaram depois da grande batalha,

Bálsamos de namorar
Sobre as crateras do pasto
E sobre as feridas da alga.

E nem sequer o seu amar
teve efeito retroativo
contra a maré a história,
ainda que eu sempre acreditasse
que o teu sorriso
poderia apagar os horrores sem limite
de todos os tempos padecidos
como tão facilmente apaga os meus.

“Desembarcaram depois da grande batalha” marca dois importantes fatores na poesia de Rodríguez: a recuperação das memórias perdidas em decorrência da batalha conhecida como o Dia D – na Normandia –, e a exaltação de um ambiente, potencialmente, esplendoroso repleto de falésias, castelos medievais e referências históricas. Este lugar serviu de inspiração a muitos artistas impressionistas, assim como ao próprio poeta.

O poema se desenvolve em nove estrofes: dois monósticos, três tercetos, um quinteto, um sexteto, um oitavo e uma estrofe com quinze versos. A utilização do fonema /d/, presente no início de algumas palavras no título, sonoriza o rufar de tambores que indica a chegada da tropa a localidade de origem. O eu lírico expressa através do desembarque a liberdade de um povo.

É possível dividir a proposta em três partes: o reencontro, a recuperação da memória e a erotização da palavra. O reencontro se dá através da combinação entre os que chegaram e aqueles que os aguardavam, neste caso, à pátria amada: importante destacar que o local de origem se assemelha ao sentimento por “mulheres independentes e excêntricas” (NOVO, 2008, p.57). A recuperação da memória faz referência as marcas deixadas por uma grande guerra – “que acabara com a mocidade do mundo”. A terceira parte se apropria de um sentimento que não apaga os males vividos no mundo, mas ratifica um vital e constante desejo por amores que curam – “o teu sorriso poderia apagar os horrores sem limite.

Este paraíso proposto por Rodríguez Fer se aproxima ao idealizado por André Breton em *L'amour fou*: o eu lírico explora as dimensões da paixão e do amor em uma perfeita combinação entre conhecimento e liberdade; ou, em palavras de Octavio Paz, “o amor é vida plena, unida a si própria, o contrário da separação” (PAZ, 1994, p.130).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo pretendemos nos aproximar de três poemas da seção intitulado “Viagens Verdes”, que Claudio Rodríguez Fer incluiu em seu poemário *Uma temporada no paraíso*. Esta investigação nos permitiu estender as viagens propostas pelo poeta à França e, naturalmente, possibilitou-nos vislumbrar essas construções de “pequenas ilhas de liberdade que buscamos o amor e a sabedoria” (BLANCO, 2006, p.20).

Este libertário Eros ratifica a necessidade de vivermos a plenitude do momento e, constantemente, de confrontarmos todo poder dogmático que nos conduza a qualquer elemento contrário à vida. Esta exaltação à vitalidade é a força subversiva que nos leva a compreender a utópica e a erótica abertura. Além disso, é importante destacar que a celebração se dá “frente a tristeza da morte, a alegria da vida” (BLANCO, 2006, p.390).

REFERÊNCIAS

- BLANCO, Carmen. Alicia de los dos lados del espejo. Lectora. 2006
- LOPO, María. O Imaginário céltico em Galicia: Literatura e identidade. Mareas célticas, *Ínsula*, nº 664. Abril, 2002.
- NOVO, Olga. O Lume vital de Claudio Rodríguez Fer: Erotismo, coñecemento e utopias. Santiago de Compostela: Edicións Follas Novas, 2008.
- NOVO, Olga. Por un vocabulário galego do sexo: A terminoloxía erótica de Claudio Rodríguez Fer. Santiago de Compostela: Edicións Positivas, 1998

- PAZ, Octavio. A dupla chama: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 1994.
- REGUEIRO, Natalia. Os mundos de Claudio Rodríguez Fer. Lugo: Edición do Castro, 1998.
- RODRÍGUEZ FER, Claudio. Meus amores celtas. Unión Libre – Cadernos de vida e culturas. Lugo: Edicions do Castro, 2010.
- RODRÍGUEZ FER, Claudio. Uma temporada no paraíso. Tradução de Saturnino Valladares. Manaus: Editora Valer, 2019.
- SOUZA FILHO, Leilson Assad de. Claudio Rodríguez Fer: o erotismo e as viagens : análise das duas primeiras partes de Uma temporada no paraíso / Leilson Assad de Souza Filho . 2022
- VALLADARES, Saturnino. La Galicia erótica de Claudio Rodríguez Fer. Entreletras, n.9, p. 125 – 129, 1. sem. 2021.
- VALLADARES, Saturnino. O Paraíso de Claudio Rodríguez Fer. Manaus: Editora Valer, 2019.

Recebido em: 25/10/2023

Aprovado em: 01/11/2023

Publicado em: 22/12/2023



10.29281/r.decifrar.2023.2a_7